

2

Escolhas Metodológicas

Neste capítulo da dissertação, apresento as decisões metodológicas que fundamentam a pesquisa. As seções que seguem estão organizadas de forma a descrever os pressupostos metodológicos da pesquisa, que incluem o paradigma de investigação e o método de análise adotados; o contexto e participantes, que abrange a forma como o ambiente on-line atua sobre este estudo e como as contribuições subjetivas dos falantes/escritores servem de base ao entendimento das práticas sociais; e os procedimentos de geração e análise dos dados, que incluem as dimensões ética e prática da análise.

2.1

Pressupostos metodológicos

Buscando cumprir os objetivos traçados para o presente trabalho, a metodologia de pesquisa se alinha no paradigma qualitativo-interpretativista (DENZIN; LINCOLN, 2005). A pesquisa qualitativa é característica de estudos exploratórios focados em compreender fenômenos de forma contextualizada e portanto utiliza de maneira mais adequada os valores culturais e capacidade de reflexão do indivíduo.

Vivemos em uma era na qual estilos de vida estão desintegrando e a vida social está sendo reestruturada por meio de um aumento constante no número de modos de expressão e formas de viver criados pela internet e as mídias digitais. O paradigma qualitativo de pesquisa – focado em compreender os fenômenos sociais a partir da perspectiva dos participantes⁶ – se mostra extremamente relevante ao

6 Apesar de realizada a partir de análise documental, a pesquisa conduzida nesta dissertação adota a perspectiva dos participantes. Isso porque os documentos são editados por falantes/escritores, sendo portanto um registro das interações entre os mesmos (cf. BOLSARIN, 2017)

prover estratégias que sejam capazes de oferecer (pelo menos em um primeiro momento) descrições precisas e substanciais da realidade social em constante mudança (FLICK et al, 2004).

A metodologia qualitativa se diferencia da pesquisa quantitativa por levar em consideração as relações entre a interpretação do pesquisador e sua influência sobre e as conclusões da pesquisa. Enquanto atividade situada – ou seja, localizada no mundo – a prática da pesquisa qualitativa compreende representar a situação social a partir da interpretação do pesquisador (DENZIN; LINCOLN, 2005). O processo de representação da interação acontece em cenários naturais (diferentemente da maioria das metodologias quantitativas, que controlam as variáveis dos fenômenos analisados, fazendo com que o cenário observado se torne não-natural) e tentam gerar entendimentos (*Verstehen*) sobre os significados que as pessoas conferem aos símbolos e fenômenos com os quais interagem. (FLICK et al, 2004)

São várias as possíveis perspectivas que um projeto de pesquisa qualitativa pode adotar. A escolha da perspectiva adotada se limita tão somente aos objetivos da pesquisa. No presente trabalho – que objetiva entender a construção discursiva de comunidades imaginadas (ANDERSON, 2008) na internet – a perspectiva adotada é a **Etnometodologia** (GARFINKEL, 1967), por advogar que a realidade social é um produto das atividades da vida cotidiana. A realidade social não é, com isso, interpretada através da verdade objetiva, mas através dos métodos de organização da vida cotidiana⁷.

Para a perspectiva etnometodológica, a realidade social é um fenômeno situado, “uma realização contínua das atividades coordenadas da vida diária” (GARFINKEL, 1967, p. vii). Em outras palavras, a realidade social é estruturada por meio das relações interpessoais. Cada uma de nossas atividades cotidianas – para fim da presente pesquisa, as práticas sociais (FAIRCLOUGH, 1989; 2001) - cumpram a função de organizar o mundo à nossa volta, ao qual não temos como

7 A definição de realidade social aqui adotada não se propõe a negar “o real”, mas sim a considerar as contribuições subjetivas dos falantes/escritores em interação como a base para os fenômenos sociais. A realidade social deve ser assim entendida como um produto dos processos de organização da realidade utilizados pelos indivíduos em suas práticas cotidianas, uma vez que o “real” não pode ser diretamente experienciado.

representar diretamente por nossas limitações físicas e cognitivas. A vida em sociedade, portanto, se organiza de forma reflexiva.

Em uma perspectiva reflexiva, o mundo não é um produto das práticas sociais, mas um componente potencializador e limitador de tais formas de ação social. Em outras palavras, as leituras de mundo dos falantes/escritores são negociadas e constituem, assim, a realidade social. Ademais, devo salientar que, por ser negociada, a realidade social está em constante mudança mas nunca é limitada à percepção individual da experiência, ou como explica Bergmann (2004, p. 74):

No processo contínuo de criação da realidade, o conhecimento cotidiano, as rotinas e as interpretações desempenham um papel importante. E, no entanto, a representação etnometodológica da gênese da ordem significativa na prática cotidiana não pode ser "cognitivamente" restringida e restrita à questão de como o significado de uma ação é produzido na percepção subjetiva dos participantes. Nas realizações de ordem que [a Etnometodologia] vê como objeto de investigação, é mais uma questão de significações e revelações de significado que os atores, em seus enunciados, dão aos seus parceiros em interação como pistas ao longo do caminho.

Assim, a Etnometodologia é uma perspectiva de pesquisa qualitativa que provê entendimentos sobre os processos de construção da realidade social ao usar “o incomum ou o inesperado como fonte de conhecimento e um espelho cujo reflexo torna o desconhecido aparente no conhecido e o conhecido aparente no desconhecido, abrindo possibilidades de (auto)reconhecimento” (FLICK et al, 2004, p. 3).

Diferentemente da maioria dos métodos quantitativos, a pesquisa qualitativa é aberta ao que pode se considerado novo no material estudado, uma forma de compreender o desconhecido no aparentemente familiar, algo que se mostra relevante quando analisando o discurso em ambientes digitais.

A adoção de um método de pesquisa qualitativo-interpretativista, focado em analisar o contexto de interação, contribui para entendimento da internet (e de sua relação com os espaços sociais off-line) por seu caráter complexo como meio

de comunicação, rede de comunicação global e cena de construção social. (MARKHAM, 2004). A internet, como qualquer outro meio de comunicação, é capaz de dar forma à realidade (social): ela enquadra a experiência, limitando e permitindo o processo de construção de sentidos. Entretanto, a comunicação on-line se diferencia por permitir ao pesquisador analisar os processos de construção social entre participantes em contextos anônimos e pseudônimos. Como explica (MARKHAM, 2004, p. 113):

Tecnologias de internet permitem pesquisadores qualitativos estudar o processo de construção social de forma ativa. Por ser capaz de restringir, ocultar e minimizar os produtos visíveis de interação (leia-se: corpos, roupas, sotaques, maneirismos e estruturas sociais de base geográfica), a internet permite foco especificamente nos blocos de construção da cultura em seu nível básico de interação.

Contudo, essa capacidade da internet tem seu preço: a facilidade em fazer um “recorte” da experiência traz consigo a dificuldade em estabelecer um contexto, não só para a interação estudada mas para a análise dos dados. A pesquisa qualitativa na internet exige do pesquisador a atitude de bricoleur (DENZIN; LINCOLN, 2005), capaz de combinar diferentes métodos e teorias.

O pesquisador qualitativo é um bricoleur metodológico, um especialista na execução de diferentes tarefas, da entrevista a autorreflexão. Um bricoleur teórico é bem informado sobre os diversos paradigmas interpretativos que podem ser trazidos para o problema. Ao adotar a atitude de um bricoleur, é possível que o pesquisador se adapte ao objeto de pesquisa e ao ambiente estudado, o que contribui para uma investigação que permita uma reflexão ampla sobre o tema estudado. O presente trabalho se baseia na combinação (e adaptação) de métodos de interpretação pertinentes à Etnometodologia: a escrita-em-interação (que específico adiante, nos procedimentos de análise) e a análise documental, que descrevo a seguir.

A **análise documental** é um tipo de ferramenta metodológica de análise qualitativa-interpretativa baseada no uso de documentos para o entendimento de

informações factuais. O olhar analítico direcionado a documentos favorece a observação de fatores relevantes no processo de maturação de indivíduos e sociedades (TAVARES, 2014). Assim, considero o documento como a melhor fonte de informação para a compreensão de atividades particulares ocorridas em um determinado momento sócio histórico-cultural.

Sobre o conceito de documento, Appolinário (2009, p. 67 apud SOBRINHO, 2015) explica que “qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova” constitui um documento. Ou seja, o documento pode ser estabelecido a partir das mais diversas fontes, sejam elas impressas ou digitais. Para fins de condução da análise feita na presente pesquisa, a seção de comentários ao vídeo “Fomos à Lua?” do canal Nerdologia será considerada um documento dos fenômenos analisados. O contexto da internet – pertinente à presente dissertação – exige também uma forma inteligível de acesso à organização da informação no documento analisado.

Uma vez explicitados os pressupostos metodológicos, passo à explicação do contexto no qual se desenvolveu a pesquisa, além dos participantes e do processo de geração de dados.

2.2

Contexto e participantes

A presente pesquisa foi desenvolvida tendo na internet, ou *world wide web* (www) como seu lócus. Por se tratar de um espaço tão vasto, é necessário um recorte para que se possam cumprir os objetivos da pesquisa. Considero as redes sociais espaços relevantes para gerar entendimentos sobre a construção discursiva de sentido em contextos mediados pelo hipertexto (cf Cap. 3), haja vista a forma que a presença dos participantes na forma de perfis anônimos e pseudônimos influencia os processos de negociação de sentido e formação de comunidades.

Com isso, o YouTube têm precedência na minha escolha por reunir esses requisitos porém, diferentemente de outras redes sociais (como Facebook e Twitter) e plataformas de vídeo (como o Dailymotion e o Vimeo), mostrou-se uma combinação de várias potencialidades presentes em ambas redes sociais e plataformas de vídeo.

O site da internet **YouTube**, como objeto de estudo, tem mobilizado os campos de Comunicações, Jornalismo e Estudos de Mídia grandemente por seu caráter transformador na comunicação humana (SNELSON, 2011). Este, na qualidade de Rede Social, criou um espaço de compartilhamento de informação e criação colaborativa onde usuários podem se manifestar individualmente. Essa manifestação individual primária (vídeos) gera uma resposta em forma de apoio ou retaliação (comentários), formando comunidades das mais diversas (cf. 3.3).

Enquanto plataforma digital de distribuição de vídeos, YouTube pode ser definido de tantas maneiras quantos são os seus potenciais usos. Alguns autores interpretam o YouTube com uma plataforma de compartilhamento de vídeos (SNICKARS; VONDEREAU, 2009), outros como uma biblioteca (ou videoteca) virtual (JARBOE, 2009). Entretanto, dado o uso atual da mídia e os propósitos deste estudo, considero mais pertinente um olhar sobre o YouTube como uma rede social (MARTINO, 2015b). O YouTube assume esse patamar quando consideradas as ferramentas oferecidas aos usuários, como descreve Gauntlett (2013, apud SOUKUP, 2014): fazer comentários, se inscrever no canal, enviar mensagens e fazer vídeos resposta (recurso removido do site mas adotado pelos usuários informalmente, com a utilização da frase “resposta à” ou “RE:” incluída no título do vídeo).

O conjunto de funções elencado por Gauntlett faz com o que o YouTube deixe de ser um arquivo de vídeos e passe a ser uma rede social, “operando como um mecanismo de coordenação entre criatividade individual e coletiva e produção de significado; e como um mediador entre vários discursos e ideologias concorrentes orientadas à indústria, ao público ou ao usuário” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 37).

É neste espaço criado pelo YouTube como rede social que se insere a

pesquisa realizada nesta dissertação, com um foco mais específico no canal Nerdologia e seu público. Definir o que é o público (ou audiência) depende do ponto de vista abordado, pois é um objeto de estudo em processo de mudança constante (WOOD, 2015). Entretanto, à medida que se popularizam as redes sociais e outras mídias digitais, a noção de público (audiência) se reconfigura para algo mais individual. Nas plataformas digitais, as visualizações se tornam mais fragmentadas e, como visto nas redes sociais, os grupos são mais flexíveis.

Porém, o modo de funcionamento de plataformas como o YouTube faz com que as postagens de comentários possam ser, como dito antes, anônimas ou pseudônimas. Nessa ordem, trabalhar com o “público do canal Nerdologia” enquanto conjunto das contribuições individuais facilita a discussão dos resultados de análise e permite verificar a situação social estudada por uma perspectiva qualitativo-interpretativista e etnometodológica.

O canal Nerdologia apresenta vídeos de divulgação científica com um caráter lúdico e com a proposta de relacionar o conhecimento científico à cultura nerd. Criado em 2011 como um quadro do NerdOffice do canal Jovem Nerd⁸, apresentado por Alexandre Ottone e Deive Pazos. O quadro foi reformulado em 2013 para ser apresentado por um pesquisador, Átila Iamarino, e com gráficos profissionais (REALE; MARTYNIUK, 2016). Átila, apresentador do Nerdologia, é biólogo e pesquisador em microbiologia. Se envolveu na produção do Portal Jovem Nerd inicialmente como convidado no podcast apresentado por Alexandre Ottoni e foi convidado posteriormente a criar conteúdo para o canal Nerdologia como comunicador científico, motivado por “uma necessidade patológica de compartilhar com os outros o que lê e acha interessante”⁹

Em suma, o canal Nerdologia é o ambiente onde Átila e seu público interagem e constroem discursivamente uma comunidade imaginada na internet, a partir de suas interações na seção de comentários. A seguir, descrevo os procedimentos de geração e análise de dados, que encaminham a investigação conduzida em minha pesquisa.

8 Portal de humor e notícias relacionados à cultura pop criado em 2002. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/> acessado em 5/6/2017

9 Fonte: <http://scienceblogs.com.br/rainha/>. Visto em: 15/2/2018

2.3

Geração de dados e procedimentos de análise

Com base nos objetivos definidos para a pesquisa e os pressupostos metodológicos expostos até aqui, informo os procedimentos de geração e análise dos dados.

No que se refere à ética, se faz necessário considerar a maneira como os dados e os participantes são tratados. A pesquisa em ambientes on-line tem a vantagem de circunscrever o “paradoxo do observador”, uma vez que “os observadores podem observar sem que sua presença seja conhecida” (HERRING, 1996, p. 5). Para Bolander e Locher (2014, p. 18) a facilidade dada ao pesquisador leva à “uma grande tentação de coletar dados de maneira eticamente ambígua” e defendem ser crucial que “o leitor de resultados acadêmicos deve ser conscientizado das decisões que o pesquisador tomou em relação a decisões éticas.” Por isso, a fim de garantir o trato ético enquanto buscando cumprir os objetivos de pesquisa, escolho guiar a geração de dados a partir dos princípios advogados por Markham et al (2012, apud BOLANDER; LOCHER, 2014) para a realização de pesquisas em contextos on-line:

1. Quanto maior a vulnerabilidade da comunidade / autor / participante, maior a obrigação do pesquisador para proteger a comunidade / autor / participante
2. Atentar ao contexto como forma de avaliar o potencial de causar danos, uma vez que o “dano” é definido contextualmente.
3. Ter cuidado para não esquecer que existem indivíduos que são autores das contribuições que estamos interessados em analisar, mesmo que nunca os encontremos como corpos físicos, mas apenas trabalhamos com suas práticas.

Contudo, deve-se garantir a salvaguarda dos participantes da pesquisa e das comunidades às quais ele(a)s pertencem, mesmo que estes não estejam fisicamente presentes. Com isso, opto em proceder minha análise tratando os participantes com pseudônimos e os diferenciando por ordem das suas postagens. No quadro abaixo, descrevo os comentaristas e seus respectivos nomes designados:

Nomes designados aos comentaristas apresentados na pesquisa			
Comentarista 1	Enzo	Comentarista 15	Wikiical
Comentarista 2	Murilo	Comentarista 16	Xibay
Comentarista 3	Marcos	Comentarista 17	Tugaware
Comentarista 4	Luan	Comentarista 18	Miguel
Comentarista 5	Ufoblazer	Comentarista 19	Fábio
Comentarista 6	Cauã	Comentarista 20	Renan
Comentarista 7	Flipbus	Comentarista 21	Astecaframe
Comentarista 8	Erick	Comentarista 22	André
Comentarista 9	Nicolash	Comentarista 23	Estevan
Comentarista 10	Kanic	Comentarista 24	Igor
Comentarista 11	João	Comentarista 25	Otávio
Comentarista 12	Groot	Comentarista 26	Gustavo
Comentarista 13	Thiago	Comentarista 27	Matheus
Comentarista 14	Leila	Comentarista 28	Griffin

Tal escolha metodológica se faz em concordância com diversos trabalhos em contextos semelhantes (RECUERO; SOARES, 2013; ZAPPAVIGNA, 2014; HARJU, 2016; BOLSARIN, 2017). Com esses princípios em mente, o corpus é constituído de forma a garantir a privacidade dos participantes e uma análise

objetiva dos documentos analisados.

O corpus consiste do vídeo “Fomos à lua?” postado no canal do YouTube Nerdologia (www.youtube.com/nerdologia) em 12 de janeiro de 2017 e sua respectiva seção de comentários, acompanhada durante os primeiros três meses da postagem do vídeo. O canal foi escolhido com base na minha experiência pessoal como usuário do YouTube e parte do público do Nerdologia, além da influência do canal nos campos de educação pela internet e popularização da ciência.

O vídeo, por sua vez, foi escolhido com base nas playlists apresentadas pelo canal. A playlist *Social* foi escolhida por sua relevância em discussões que vão além do domínio da ciência especulativa geralmente tratada no canal. “Fomos à lua?” era o envio mais recente da lista de reprodução à época da geração de dados (janeiro de 2017).

Os comentários foram tratados inicialmente a partir da opção dada pelo YouTube de filtrar os comentários por *Top Comments* (comentários com mais interações), com um total de 401 comentários. Exemplos dos diferentes tipos de interação presentes na seção de comentários – no caso da presente reflexão, os dois comentários com mais respostas - foram escolhidos em ordem cronológica¹⁰ para, a vista de cumprir os objetivos de pesquisa, analisar os momentos de solidariedade e hostilidade na construção da Comunidade Imaginada (cf. 3.3). O número final de comentários analisados no capítulo 5 foi de 79 turnos de escrita.

Sobre os procedimentos de análise, contextualizo a interpretação da seção de comentários por uma perspectiva sociosemiótica, assumindo o YouTube (enquanto rede social e parte da cibercultura) como o contexto de cultura e o vídeo, “Fomos à lua?” como contexto de situação. Tal escolha é feita devido à necessidade de definição clara do contexto, haja vista que a internet representa um problema na contextualização da análise devido ao caráter hipertextual do ciberespaço (cf. 3.2). No que se refere a seção de comentários, escolho utilizar os princípios da escrita-em-interação (BULLA, 2014) como forma de promover uma leitura inteligível dos dados.

10 Seguindo os princípios da escrita-em-interação

A **escrita-em-interação** é um termo cunhado por Bulla (2014) a partir dos trabalhos de Reed e Ashmore (2000) para se referir a reconfiguração das interações entre indivíduos e escrita na sociedade contemporânea. Para estes e outros autores, a comunicação mediada por computador (mais especificamente via chat) reconfigura aspectos da interação face-a-face na escrita. A reconfiguração feita pela escrita-em-interação é explicada a partir dos conceitos de **turno de escrita, sequencialidade, adjacência, intersubjetividade e justificabilidade**.

O turno de escrita e a sequencialidade explicam a organização do texto considerando que cada trecho de escrita proferido seja uma “fala”, organizada temporalmente de cima (mais antigos) para baixo (mais recentes). A seção de comentários de várias redes sociais – como o YouTube – são organizadas dessa maneira: cada comentário é entendido como um turno de escrita, lido como parte de um diálogo ocorrendo em sequência de cima para baixo. Cada comentário recebe respostas (*replies*) que são visualmente representadas com uma quebra de parágrafo, como mostra a figura abaixo:

Figura 1: A seção de comentários – um exemplo



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=r_qwxl-4Cow&t Visto em: 5/7/2017

A adjacência e a intersubjetividade constituem o fenômeno da escrita-em-interação por estarem relacionados ao entendimento mútuo e a coordenação. Em outras palavras, participantes assumem um senso comum sobre a presença e os papéis de seus membros na atividade desempenhada. Trazendo novamente o YouTube como exemplo, podemos assumir que a adjacência funciona a partir dos canais – como Nerdologia – onde usuários se congregam formando grupos de interesse (BARTON; LEE, 2013). Já a intersubjetividade explica a interação na seção de comentários como uma resposta ao vídeo, haja vista que a interação na seção de comentários pressupõe tal direcionamento. Isso não implica, entretanto, que as ações dos usuários do YouTube (ou qualquer rede social) sejam dadas *a priori*, mas sejam resultado de processos de negociação de sentido, como

estabelece o princípio da justificabilidade

De acordo com a justificabilidade, participantes estão sempre negociando suas ações no que se refere a sua coerência e racionalidade, lançando mão de justificativas para enquadrá-las como razoáveis. Usuários vão tecer comentários de forma a negociar sentidos com o vídeo e com outros usuários a fim de contribuir para o canal e para a manutenção da comunidade. Veremos, entretanto, que as interações são ainda mais complexas e podem gerar conflitos quando grupos distintos interagem na seção de comentários partindo de concepções diferentes do que entendem como justificável (cf. 5.3)

Tais princípios só podem ser usados para compreender o uso da linguagem se assumirmos uma perspectiva etnometodológica, ou seja, assumindo que interações acontecem a partir do que os participantes demonstram no "aqui-e-agora"(BULLA, 2014) e em constante diálogo com a cultura e a situação social na qual estão inseridos. Por isso, os dados serão analisados turno a turno, considerando as contribuições individuais dos falantes no processo de construção sentido.

Com isso, apresentei as escolhas metodológicas feitas para a condução do estudo. Tendo em mente os aspectos delineados aqui, no próximo capítulo desenvolvo a discussão do aporte teórico, começando pela concepção de linguagem com a qual se alinha a dissertação.

